

Operação da PM avança para Santos e já chega a 14 mortos

FRONT EXPANDIDO
Operação na Baixada Santista já tem 14 mortes; 'asfixia do crime', diz Tarcísio



Atirada pelas costas. Carro da PM onde estava cabo que foi baleado por dois homens na manhã de ontem em Santos; outro o soldado foi ferido na busca aos responsáveis pelo atentado

NICOLAS JORJ, HYNDARA FREITAS, IVAN MARTINEZ-VARGAS, GUILHERME CAPTANO E CARLA ROCHA

Reação à morte do soldado da Rota Patrick Bastos Reis no Guarujá, na quinta-feira, a Operação Escudo da Polícia Militar, iniciada no fim de semana no município do litoral paulista, já contabiliza 14 pessoas que teriam sido mortas em confrontos. Dois PMs foram feridos ontem em Santos. Ação feroz criticada pela ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, políticos e entidades de defesos direitos humanos. Embora tenha dito que possíveis abusos serão apurados, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, manteve a defesa das forças de segurança. O caso é o de maior letalidade policial em São Paulo desde os confrontos de 2006 entre a polícia e a facção criminosa que comanda o tráfico no estado. A Polícia Civil pediu ontem a prisão do irmão de Erickson David da Silva, o suspeito de ter atirado em Patrick, que se entregou no domingo.

Tarcísio disse ontem que os confrontos são um 'efeito colateral' da estratégia que visa asfixiar o crime organizado na região. — Quem é que vai subir numa área dominada pelo crime e vai ser recebido de uma forma amistosa? A polícia não quer o confronto, isso não interessa para ninguém. Quando você faz uma asfixia em um local, você tem uma reação. A operação está gerando incômodo, está prejudicando o business. Não queremos o combate, mas não vamos nos curvar ao crime. Se houver excesso, vamos investigar. Se houver porventura, agente não vai tolerar — afirmou. O governador acrescentou que o comandante-geral da PM e o diretor-geral da Polícia Civil foram ao Guarujá acompanhar as ações e caber exaustivos dos policiais. Ele, no entanto, ressaltou que não foi informado de nenhum excesso. A Ouvidoria das Polícias tem recebido denúncias de abusos contra moradores da região, e a Defensoria Pública de São Paulo também foi acionada. O Ministério Pú-

blico designou três promotores da Baixada Santista para, com o Grupo de Atuação Especial de Segurança Pública (Gaesep), investigar as ações da PM. De acordo com a Secretaria de Segurança, os registros das câmeras nos uniformes dos policiais serão anexados aos inquéritos e podem ser acessados a qualquer momento pelo Ministério Público, Poder Judiciário e a Corregedoria da PM. "EFETO COLATERAL" O governador chamou a situação na Baixada de "guerra contra o narcotráfico". — A gente está conduzindo a apuração com absoluta responsabilidade. A criminalidade está agonizando porque está recebendo uma grande asfixia. Não existe esse combate sem efeito colateral — complementou Tarcísio no Palácio dos Bandeirantes. Em Santos, a cabo da PM Najara Fátima Gomes, de 34 anos, foi atingida pelas costas no bairro Campo Grande por volta das 6h por dois homens que fugiram em um carro preto. Um policial que estava

com a cabo não ficou ferido. A PM informou que soldados foram recebidos a tiros no Morro São Bento, para onde os criminosos teriam fugido. O soldado Pablo Uriel foi baleado na nádega. O tiro saiu pela virilha. Os dois policiais foram levados para Santa Casa de Santos e liberados após atendimento. Até ontem, a operação havia prendido 32 pessoas, recolhido 20,3 quilos de drogas e apreendido 11 armas. A ministra Anielle Franco repudiou as declarações de Tarcísio apoiando a operação. Ao portal UOL, Anielle afirmou que "a pele preta não pode ser suspeita". — Toda solidariedade não só ao policial Patrick, mas às famílias que tiveram seus filhos assassinados. A palavra vingança, quando pesa, vai sempre pesar sobre as pessoas fracas e mais pobres, e com a cor que a gente sabe que é, as pessoas de pele negra. COMITÊ PARA DENÚNCIAS A seccional paulista da OAB reuniu ontem organizações e líderes políticos e montou um comitê de crise para apurar as mortes durante a

operação na Baixada Santista. O comitê deve ir ao litoral hoje para recolher denúncias de violações de direitos humanos, acompanhado do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana. Participantes da reunião dizem ter recebido relatos de moradores da periferia de Guarujá que sofreram violações, mas tinham medo de levar as denúncias à polícia. A Ouvidoria da Polícia de São Paulo, o Sindicato dos Advogados de São Paulo, o Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos da Defensoria Pública de São Paulo, além da própria OAB, integram o comitê. Os deputados estaduais Paulo Fiorilo (PT), Eduardo Suplicy (PT) e Monica Seixas (PSOL) também fazem parte. Apesar de o comitê não ter poder de investigação, seus integrantes planejam levar eventuais provas de abusos ao Ministério Público, aos ministérios da Justiça e Segurança Pública e dos Direitos Humanos e Cidadania e até à Comissão de Direitos Humanos da ONU. O MP foi convidado para o encon-

tro, mas não compareceu. O secretário de Segurança Pública de São Paulo, Guilherme Derrite, afirmou ontem que a polícia identificou a última de quatro pessoas que teriam envolvido na morte de Patrick. Irmão de Erickson, o novo identificado teve só o primeiro nome, Cauã, divulgado pela secretaria. Ele teve a prisão pedida à Justiça. — Outros dois elementos foram presos e estão em locais distintos. Um dos rapazes relatou que estava no local, e Cauã era o quarto indivíduo envolvido no atentado. Ele tinha a função de ficar com o radiocomunicador, armado, informando o número de viaturas policiais que passavam e se havia alguma operação — afirmou Derrite. O delegado Antônio Sucupira Neto, que comanda as investigações da morte de Patrick, encontrou na noite de segunda-feira, após receber uma denúncia anônima, uma pistola 9 milímetros que pode ter sido usada no assassinato. — Nós a encontramos embalada em dois sacos plásticos e coberta de barro. Não sabemos ainda se tem ou não a numeração raspada, deixamos esta análise para a perícia. Foram recolhidos estojos de tiros no local do crime que também serão usados pelos peritos para confirmar ou não a compatibilidade da pistola e das cápsulas — explicou Sucupira. O delegado informou que um dos suspeitos presos teria visto o momento em que uma pessoa escondeu a arma no beco. Sucupira afirmou que a testemunha está sob proteção e não terá o nome divulgado. Em seu depoimento, Erickson alega que viu o tiro e que ele teria sido dado a esmo por outro criminoso. O autor do disparo, segundo a versão de Erickson, estaria entre os 32 já presos pela polícia: Marcos Antônio de Assis Silva, conhecido como Mazaropi. Segundo o advogado de Erickson, Wilson Félix, ele se entregou por medo de ser executado devido ao grande clamor público provocado pelo crime. Conhecido como Devinho, ele detinha a cadeia em 2016, depois de ter cumprido pena de um ano e sete meses por roubo. A polícia, reconheceu já ter feito parte da facção, em que teria atuado em várias funções, mas alegou que, no momento do crime, na quinta, estava comprando maconha para consumo próprio. Ele também seria usuário de cocaína.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Brasil Pagina: 9